

Victor Martins

PROJETO DE HABITAÇÃO EM FAMALICÃO
UM ESPAÇO PARA HABITAR

Dissertação/Trabalho de Projeto

Mestrado Integrado em Arquitetura

Setembro, 2020

Victor Martins

PROJETO DE HABITAÇÃO EM FAMILICÃO

UM ESPAÇO PARA HABITAR

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, realizado sob a orientação científica do Professor Doutor Michele Cannatà.

Setembro 2020

Declaro que esta(e) Dissertação/Trabalho de Projeto é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Porto, de de

Declaro que esta Dissertação / Relatório / Tese se encontra em condições de ser apreciada (o) pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Porto, de de

O Trabalho de Projeto apresentado segue as regras de escrita do novo acordo ortográfico.

AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho fosse concretizável, foram imensas as pessoas que mostraram todo o apoio, colaboração e disponibilidade nesta árdua e longa caminhada, às quais quero endereçar e expressar os meus mais sinceros e profundos agradecimentos.

Em primeiro lugar, quero agradecer a todos os professores, sem qualquer tipo de omissão, a constante transmissão de conhecimentos e apoio e, agradecer de um modo muito especial ao meu orientador científico, Professor Doutor Michele Cannatà, pessoa extremamente atenciosa, assertiva e dedicada, que revelou a máxima disponibilidade para ajudar na orientação, acompanhamento e sábios conselhos, para que este trabalho evoluísse e se concretizasse.

Aos meus amigos e colegas de turma da Universidade de Coimbra (EUAC-Escola Universitária das Artes de Coimbra) no primeiro ano de universidade.

Aos meus colegas e amigos de Turma da ESAP, o meu muito obrigado por todo o apoio e carinho que me concederam.

Aos meus amigos de infância, pelos votos de apoio e coragem que sempre me facultaram.

Para finalizar os incontidos agradecimentos à minha querida família, sem a qual nada desta demanda teria sido possível: - à minha mulher Paula, aos meus filhos Ricardo e Mariana e à minha segunda Mãe Rosa, por todo o carinho, motivação e força incondicionais que me transmitiram ao longo deste percurso académico. Graças a eles consegui acumular uma grande dose de coragem, resiliência e entusiasmo para enfrentar todas as dificuldades deste desafio pessoal.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos!

RESUMO

PROJETO DE HABITAÇÃO EM FAMILICÃO

UM ESPAÇO PARA HABITAR

O estudo para a habitação unifamiliar que se apresenta, reflete a fruição espacial interna, o seu aspeto formal, os seus materiais constitutivos e as características intrínsecas de quem o vai habitar.

Quando se parte do zero, as linhas condicionantes estão muito esbatidas, por esse motivo há que inventá-las, há que definir a filosofia do projeto como início e fio condutor conducente a um resultado final e, como aspeto prioritário, para além do estar, conviver e trabalhar de uma maneira salutar e agradável, também é fundamental que o equilíbrio paisagístico prevaleça de uma maneira sustentável e abrangente.

A arquitetura nunca poderá ser vista como um modelo formal, mas sim como algo que albergue a vida.

Esta visão tem a ver com os exemplos de pesquisa e análise apresentados, que constituíram uma base teorizante, filosófica e sociológica para a consecução do trabalho exposto, refletindo sempre, que a arquitetura não é um simples exercício de estilo, mas sim um conjunto de elementos que na sua transversalidade conduzem à existência de vida, de espaço, comodidade, de aspetos cognitivos e sensitivos de proteção.

E, são todas estas sensações que nos aproximam da vida e que nos interessam experienciar, quando realizamos uma intervenção arquitetónica.

PALAVRAS-CHAVE: habitação unifamiliar, habitar, abrigo, sociabilização, contemporaneidade, natureza, equilíbrio e sustentabilidade.

ABSTRACT

The study for the house that is presented reflects the internal spatial enjoyment, its formal aspect, its constitutive materials and the intrinsic characteristics of those who will inhabit it.

When starting from scratch, the conditioning lines are very blurred, that is why we must invent them, we must define the philosophy of the project as the beginning and guiding thread leading to a final result and, as a priority aspect, beyond being, living and working in a pleasant way, it is essential that the balance landscape prevails in a sustainable and comprehensive manner.

Architecture can never be seen as a formal model, but as something that shelters life.

This view has to do with the examples of research and analysis presented, which constituted a theoretical, philosophical and sociological basis for the achievement of the work exposed, always reflecting, that architecture is not a simple exercise of style, but rather a set of elements that in its transversality lead to the existence of life, space, convenience, cognitive and sensitive aspects of protection.

And, it is all these sensations that bring us closer to life and that we are interested in experiencing, when we carry out an architectural intervention.

Índice

1. Introdução	1
1.1. Objetivos e campo de atuação	1
1.2. Metodologia de trabalho	5
1.3. Estruturação do trabalho	5
2. As origens da Arquitetura. Reflexão sobre o conceito de habitar a partir de pesquisa de conteúdos	7
2.1. A essência da arquitetura	7
2.2. A cabana primitiva como origem da arquitetura	13
2.3. A casa e o conceito do habitar	19
3. Uma casa para habitação	27
3.1. O lugar	27
3.2. Espaços exteriores/interiores	31
4. Objetivação de estudo	33
4.1. Uma primeira abordagem	33
4.2. Casa em Caminha	35
4.3. Casa em Touguinhó III	39
4.4. Casa Gaspar	41
5. Projeto de uma casa unifamiliar	45
5.1. O “campus”	45
5.2. Elaboração do programa entre cliente e arquiteto	47
5.3. Programa geral	51
6. Considerações finais	57
7. Bibliografia	59
Anexos	

1. Introdução

1.1. Objetivos e campo de atuação

O trabalho apresentado objetiva-se na necessidade primária e legítima do homem obter a sua privacidade, bem estar, refúgio e ligação familiar natural a um espaço onde se sente abrigado, que controla e pode manipular sociologicamente, no seu estado hodierno e cultural, já que: "A casa é um espaço, é liberdade e é um lugar onde nos é permitido uma grande orientação."¹

Casa (do latim *casa*), residência (do latim *domum*), é, no seu sentido mais comum, um conjunto de paredes, comodidades e teto construídos pelo ser humano com a finalidade de constituir um espaço de habitação para o homem para que esteja protegido dos fenómenos naturais exteriores (como a chuva, o vento, calor e frio etc.), para além de servir de refúgio contra ataques de terceiros. Neste sentido, a habitação é entendida como a estrutura que para além de constituir-se como abrigo, define-se como uma construção cultural de uma dada sociedade. A residência, portanto, corresponde ao arquétipo da habitação — vista como o lugar próprio de um indivíduo (ou seja, aquilo que constitui sua propriedade), onde este tem a sua privacidade e onde a parte mais significativa da sua vida pessoal se desenrola. Apesar da contemporaneidade ter afastado o indivíduo de sua casa (posto que ele passou a vivenciar longos períodos do dia fora de casa, trabalhando, recreando-se ou circulando pela cidade), a habitação sempre foi considerado uma referência à ideia de família, de tal forma que a palavra costuma ser usada com este significado. Uma visão também tradicional a respeito da estrutura de uma sociedade considera a família como sua unidade fundamental, enquanto a casa corresponderia à unidade elementar de uma aglomeração urbana, sendo basilar à sua existência e constituição.

Por esse motivo partiremos para uma investigação sobre as origens e essência da arquitetura através de uma perspetivação histórica, que nos conduzirá a questões como: - Para que serve e a quem serve a arquitetura, como começou e, no seu aspeto mais lato, o que é a arquitetura?

Sequencialmente abordaremos a noção de um espaço para habitar e a sua relação com a natureza e envolvente física.

¹ MATEUS, Manuel Aires, (2016) - "*Conversas com arquitectos - António Jorge Tavares*" - Edições Letras Lavadas, pág. 39

Neste sentido serão abordados e analisados estudos diferenciados no âmbito da habitação unifamiliar, nacional e internacional, que serão fundamentais para a formalização de uma proposta.

Finalizando e como corolário dos conceitos explicitados, apresentamos a elaboração de um projeto para uma habitação unifamiliar, enfatizando todas as condicionantes, particularidades, intenções e soluções. Este trabalho será desenvolvido na Unidade Curricular Trabalho de Projeto/Dissertação, na Escola Superior Artística do Porto, durante o ano letivo de 2019/2020, que visa a obtenção do grau de mestre em Arquitetura.

1.2. Metodologia do trabalho

O trabalho exposto subordina-se inicialmente a uma pesquisa bibliográfica de suporte ao projeto já referenciado e, posteriormente, à apresentação e justificação das soluções optadas para a elaboração da proposta. Assim, poderemos considerar este trabalho subordinado aos itens que correspondem aos cinco capítulos enunciados no ponto 1.3.

- 1 - Contextualização do tema acompanhado do âmbito e objetivos do trabalho.
- 2 - Pesquisa para um entendimento da casa como uma necessidade primordial do Homem.
- 3 - Conceitos de uma casa para habitar, como proteção e relação com a natureza.
- 4 - Referências nacionais e internacionais sobre o conceito de casa ao longo da História.
- 5 - Aplicação das conceptualizações e princípios orientadores num projeto de arquitetura.

1.3. Estruturação do trabalho

Desta forma, o trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos:

1.º CAPÍTULO - Introdução

2.º CAPÍTULO - As origens da Arquitetura. Reflexão sobre o conceito de habitar a partir de uma pesquisa de conteúdos.

3.º CAPÍTULO – Uma casa para habitação

4.º CAPÍTULO - Objetivação do estudo

5.º CAPÍTULO - Projeto de uma casa unifamiliar

2. As origens da Arquitetura. Reflexão sobre o conceito de habitar a partir de uma pesquisa de conteúdos

2.1. A essência da arquitetura

O que é a Arquitetura?

Etimologicamente, a palavra arquitetura formou-se a partir do grego *arkhitekton*, junção dos termos *arkhé* ("principal") e *tékhton* ("construtor" ou "construção"). No entanto, antes de chegar à Língua Portuguesa a palavra foi absorvida pelo latim, *architectus*.

Arquitetura é a arte e técnica de projetar uma edificação ou um ambiente de uma construção. É o processo artístico e técnico que envolve a elaboração de espaços organizados e criativos para abrigar diferentes tipos de atividades humanas.

A arquitetura é a disposição das partes ou dos elementos que compõem os edifícios ou os espaços urbanos em geral.

A arquitetura é multidisciplinar, pois abrange não só o traçado da cidade, dos edifícios e do desenho paisagístico, mas também do mobiliário urbano e comum. Existe uma transversalidade notória com a geografia, economia, engenharia, política, história, antropologia, psicologia e sociologia.

"A sensação de identidade pessoal, reforçada pela arte e pela arquitetura, permite que nos envolvamos totalmente nas dimensões mentais de sonhos, imaginações e desejos. Edificações e cidades fornecem o horizonte para o entendimento e o confronto da condição existencial humana. Em vez de criar meros objetos de sedução visual, arquitetura relaciona, media e projeta significados."²

Design, estética, forma, estrutura, cor, são apenas atributos da arquitetura. A sua função real, acima de tudo isso, é transformar a vida das pessoas.

Lúcio Costa, define a arquitetura como: "construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço, em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa."

² PALLASMAA, Juhani, (2016), *Os Olhos da Pele*, pág.11

Fernando Távora no ensaio *Da Organização do Espaço* menciona que "...o campo de intervenção da arquitetura (...) é contínuo desde a conceção do objeto à arrumação física do território, passando naturalmente pelo desenho dos elementos construtivos e da edificação (...) - O homem organiza o espaço que o cerca, criando formas, umas aparentemente estáticas, outras claramente dinâmicas. O objetivo da arquitetura é, assim, "... a organização harmónica daquele espaço com que a natureza nos prodigalizou."³ Para além disso, segundo o mesmo autor, o que não se constrói é tão importante como o que se constrói, ou seja, o espaço vazio é tão importante como o espaço construído.

Para Siza Vieira, "a arquitetura é antes de mais um serviço. É um serviço orientado para o bem-estar. O objetivo, a primeira preocupação, da arquitetura é criar melhores condições, na cidade, na casa, nos equipamentos. A arquitetura é uma coisa que engloba vida, espaço interior, contradições... Contextos diferentes dão edifícios diferentes."⁴

Para Vitruvius (Marcos Vitruvius Polio, séc. I a.C.) a ciência do arquiteto é adornada com muitas disciplinas e erudição variada: ele deve ser capaz de julgar todas as obras que as artes individuais constroem. Tendo sido o autor de uma das primeiras obras literárias sobre o assunto, de título "De Architectura", que serviu de base aos estudos posteriores, com os seus padrões de proporções e os seus princípios concetuais: - *utilitas*, *venustas* e *firmitas*, fundamentos da arquitetura clássica. Assim, uma construção aufere direitos de arquitetura, quando revela utilidade, beleza e solidez. Mas o papel do arquiteto, para além de dominar as disciplinas da profissão, como matemática, geometria e física, também deveria conhecer outras matérias para erguer construções, tais como, filosofia, direito, medicina, ótica, astronomia e música. O que nos relaciona, face ao mundo de hoje, com a filosofia da arquitetura, o conhecimento das leis vigentes relativas à construção, escolha do local adequado e profilático para a edificação, exposição solar e até problemas de acústica.

Vitruvius afirmou, porém, no seu trabalho *De Architectura*, que a arquitetura é uma ciência que pode ser compreendida racionalmente.

Assim, Vitruvius, já nos transporta aos princípios intelectuais do racionalismo que derivam da sua teoria arquitetónica sendo, contudo, o racionalismo uma corrente posterior que se desenvolveu principalmente em Itália nas décadas de 1920 e 1930.

No entanto, esta formulação, acabou por ser abordada e desenvolvida nos tratados arquitetónicos do Renascimento.

³ TÁVORA, Fernando, (2005), *Da Organização do Espaço*, pág. 14

⁴ VIEIRA, Siza, <https://citacoesin/autores/alvaro-siza-vieira>

Durante o Renascimento a figura do arquiteto ganhou nova dimensão, a partir da progressiva humanização das grandes construções. Os valores científicos (como, por exemplo a noção de perspectiva) sobrepujaram-se aos valores divinos até então vigentes.

Os grandes arquitetos do Renascimento, como Giacomo Vignola(1507-1573), Leon Battista Alberti (1404-1472) e Michelangelo (1475-1564), procuraram aproximar as grandes construções à realidade, relevando o efeito da perspectiva. Esta tendência é marcadamente clássica abrindo caminhos à "construção simétrica e normativa e a modelos operativos que se irão consolidar durante os séculos XIX e XX."⁵

Para se conceber algo de novo, há que fazer uma viagem pelas origens, obter referências e saber sistematizá-las, "a arquitetura é a primeira manifestação do homem criando o seu universo, criando-o à imagem da natureza...".⁶

É esta relação e harmonia com a natureza que o arquiteto questiona e utiliza para criar ambientes necessários à vida do homem. Locais onde ele possa viver, descansar, contemplar, trabalhar, sociabilizar. "A arquitetura é a vida. A boa arquitetura é aquela onde as pessoas se sentem bem, dormem bem, comem bem, gostam de estar umas com as outras, fazem amor".⁷

⁵ ZÉVI, Bruno, (1960), *Saber ver a Arquitetura*, pág. 21

⁶ LE CORBUSIER, (1972), *Por uma Arquitetura* – Gustavo Gili S.A., pág. 45

⁷ TÁVORA, Fernando, (2015), *Jornal de Negócios*

2.2. A cabana primitiva como origem da arquitetura

“Os materiais naturais – pedra, tijolo e madeira – deixam que a nossa visão penetre nas suas superfícies e permitem que nos convençamos da veracidade da matéria. Os materiais naturais expressam a sua idade e história, para além de nos contarem as suas origens e o seu historicismo de utilização pelos humanos.”⁸

Como seria projetar a primeira casa do homem? Que referências utilizaríamos?

Inspirar-nos-íamos no ninho do pássaro, nas colmeias, na galeria das formigas?

Contemplaríamos as formas naturais: o sol, a lua, as montanhas terrestres?

Escolheríamos a copa das árvores como ponto de apoio?

Escolheríamos como tipologia as formas naturais?

Elegeríamos o fogo como centro do espaço delimitado?

Conceberíamos um abrigo que nos protegesse dos animais selvagens, das tribos inimigas e das tempestades?

Encontraríamos na madeira, ou na pedra os nossos principais materiais?

O Homo Sapiens fez dos buracos entre as pedras ou nas montanhas os seus primeiros locais de habitação, adaptando-os às suas necessidades e preferências. A arquitetura no Neolítico é sobretudo uma arquitetura de circunstância, adaptada à necessidade de sobrevivência (proteção das intempéries e dos ataques de homens e animais). Esta primeira tipologia de construção arquitetónica passou a ser designada por “cabana primitiva” ... (Ilustração 1)

Ainda assim, se considerarmos que o termo arquitetura deve aplicar-se aos casos em que há uma ação humana para aperfeiçoar e/ou embelezar o seu habitat, no Neolítico existe uma intervenção arquitetónica quando o homem começa a arrastar e juntar pedras para construir habitações rudimentares. Nestes casos, as frestas nas pedras (ventilação e acesso) imitam as cavernas.

Tal como menciona Campo Baeza nos seus apontamentos sobre o habitar na obra, *A ideia construída*, “O estereotómico - a terra, a rocha, o pétreo, o pesado, o obscuro - acolheu o homem nas suas entranhas.”⁹

⁸ PALLASMAA, Juhani, (2011), *Os Olhos da Pele* – ARTMED Editora S.A., pág. 30

⁹ BAEZA, Campo, (2013), *A ideia construída*, pág. 59

Existem diversas configurações das primeiras habitações arquitetônicas, conforme as primeiras manifestações de gosto (opções estéticas), necessidades (questões de espaço, em função do agregado familiar, por exemplo) e as possibilidades (características do espaço, das pedras, etc., que são opções técnicas). O mito da cabana primitiva desenvolve-se também quando foi inventada a casa de madeira, com quatro paredes e telhado de duas águas.

No entanto este conceito foi pela primeira vez invocado por Vitruvius (Marcos Vitruvius Polião, séc. I a.C.), já anteriormente referenciado, autor de uma das primeiras obras literárias sobre o tema, de título "De Architectura", que serviu de base aos estudos posteriores, com os seus padrões de proporções e os seus princípios conceituais — *utilitas* (utilidade), *venustas* (beleza) e *firmitas* (solidez) —, fundamentos da arquitetura clássica e posteriormente retomada por Marc Antoine Laugier.

Para Vitruvius a cabana primitiva e o fogo revelam-se inseparáveis. É o fogo o elemento proto arquitetônico, sendo a partir dele que a arquitetura nasce como mito, rito e consciência. "O sol e o fogo, criados para o fomento natural, fazem mais segura a vida". Marc-Antoine Laugier (considerado o primeiro filósofo da arquitetura moderna) no *Ensaio sobre a Arquitetura*, publicado em 1753, apresentou uma alegoria de um homem na natureza e da sua necessidade de abrigo, (Ilustração 2) que formou uma estrutura e uma abordagem subjacentes à arquitetura e sua prática. Essa abordagem foi explorada na teoria de arquitetura para especular sobre um destino possível para a arquitetura como disciplina. O ensaio foi, sem dúvida, uma das primeiras tentativas significativas de teorizar o conhecimento arquitetônico, tanto cientificamente quanto filosoficamente. Ao iniciar o estudo sobre a cabana primitiva (Ilustração 3), encontram-se diferentes interpretações correspondentes às formulações de vários teóricos e arquitetos ao longo dos tempos. Existem vários tratados de arquitetura que desenvolvem com bastante exatidão as medidas e as proporções arquitetônicas, que entram nos detalhes das distintas ordens e que provêm de modelos para as distintas formas de construir. Porém não existe ainda nenhuma obra que estabeleça solidamente os princípios da arquitetura, que manifeste seu verdadeiro espírito e que proponha regras adequadas para dirigir o talento e definir que o importante é sobretudo aprender a pensar e atuar. No entanto, para Laugier só se pode falar em arquitetura a partir da cabana como medida de toda a arquitetura, teoria contraposta por Campo Baeza que afirma que a arquitetura nasceu com a caverna.

Francesco Milizia (1725-98) adotava a mesma teoria de Laugier quando afirmava que era da cabana primitiva que derivava a arquitetura e que assim se deveria copiá-la. (Ilustração 4) Para além disso, defendia que a cabana primitiva originou a arquitetura grega e que o bosque ocasionou o estilo gótico. "... A tosca cabana é a arquitetura natural, a tosca cabana é a origem da beleza da arquitetura civil."¹⁰

Para Vitrúvio e, posteriormente, Françoise Choay, a cabana primitiva é indissociável do fogo e constituiu a origem da sociedade humana, pois a cabana protege o fogo, este, para além de unir e aquecer a família, também serve para a preparação dos alimentos, constituindo assim a primeira casa protegida. O Homem, inconscientemente e de uma forma empírica, ao construir a cabana e ao tomar conhecimento das leis da gravidade, deu origem à Arquitetura.

Como conclusão, sendo, contudo, a cabana primitiva uma cabana conceptual e não necessariamente uma cabana física e material, este conceito abstrato de um lugar transforma-se numa resposta do homem ao ambiente natural, onde a arquitetura atua como o mediador entre o homem e a natureza e, conseqüentemente, a cabana primitiva resume tudo o que é importante e significativo na construção da casa.

No essencial são necessárias quatro paredes e um teto como paradigma de um espaço seguro, aprazível e sossegado. O refugiar-se e o defender-se transformaram-se no habitar. E o homem, uma vez dominado o espaço definido pelos planos correspondentes, concebeu a possibilidade de o controlar. De o proporcionar. E viu que, com a luz, podia tensioná-lo. "Assim, dominando a gravidade e a luz de forma já mais consciente, aperfeiçoou a arquitetura que se tornou mais uma manifestação, talvez a mais humana da cultura. Dessa cultura que vai destilando o pensamento do homem ao longo dos tempos...".¹¹

¹⁰ <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos>

¹¹ BAEZA, Campo, (2013), *A Ideia Construída*, pág. 60

2.3. A casa e o conceito do habitar

Se concordarmos com a questão de que habitar é um ato ligado ao presente, resta, no entanto, uma importante questão a ser respondida: o que é, exatamente, *habitar*? Partiremos, aqui, da premissa de que habitar é um conceito plural, coletivo, se constituir um conjunto de atos ligados a práticas quotidianas. Habitar significa, entre outras aceções, abrigar-se, como um ato de se dirigir para o interior de um invólucro e nele permanecer. Neste sentido, habitar significa dominar, ou, ao menos, controlar a natureza pelo trabalho e pela técnica. Esta definição bastante simples parece ajudar a elucidar a questão: habitar significa transformar a natureza e colocá-la sob o domínio e ao serviço do homem. Sob este sentido, e correndo o risco da contradição, uma família moderna poderia habitar um "domus pompeiano" pela simples razão de que ali ela estaria abrigada e segura. No entanto, estar abrigado é também um conceito distinto e plural, apenas pela simples razão de que as pessoas se abrigam de formas diferentes, de variadas maneiras, até mesmo na maneira como ocupam o espaço. Assim, habitar significa, igualmente, realizar diversas atividades, como dormir, banhar-se, preparar os alimentos e deles alimentar-se, ler, ou simplesmente, refletir. Cada uma destas possíveis atividades humanas, tão diferentes umas das outras, e que podem ser exercidas de maneiras diferentes consoante o homem ou a família que habitam a casa, e à força de se repetirem, dia após dia, tornam-se hábitos.

Para Martin Heidegger, habitar transcende o conceito de casa, estendendo-se a todos os espaços de que o ser humano se apropria - "construindo-os". Este filósofo alemão conclui, depois de estabelecer uma lista exemplificativa de espaços construídos, ou fabricados, que o homem: - " os habita e, no entanto, não os habita, se habitar significar apenas ocupar um alojamento...".

Mas ele obviamente recusa esta perspetiva mais restrita, até porque entende que o "habitar é um traço fundamental do ser."¹² Deste modo, como relacionar a Arquitetura e o habitar?

"Em latim habitar ("habitare") e hábitos ("habitus") derivam do mesmo verbo: "habere". E, "habere", significa "ter", logo existe um sentimento de posse relativamente a um espaço."

¹² HEIDEGGER, Martin, (1951), *Construir, Habitar, Pensar (Bauen, Wohnen, Denken)*

- A partir do pensamento de Heidegger, pode-se inferir que a arquitetura, sendo a disciplina que rege conceptualmente os atos de construir os espaços para o viver do ser humano no seu sentido mais geral, inclui forçosamente o Habitar não apenas referido a um alojamento, mas sim em todo o seu universo. No entanto há que perguntar se tal conceção sempre existiu. A tradição vitruviana sempre definiu a Arquitetura como a Arte de Construir, colocando em primeiro lugar o ato de erguer edifícios como o seu principal pilar definidor. Analisando alguns tratados desde Vitruvius (Alberti, Serlio, Palladio, etc.), verifica-se que propõem uma grande divisão entre público e privado e que a Arquitetura se relaciona preferencialmente com o primeiro vetor, deixando o segundo à responsabilidade de cada um. Isto é, mesmo que Leon Battista Alberti tenha definido a Cidade como uma grande casa, estendendo a noção do habitar restrito ou privado à esfera do coletivo, será mais uma metáfora que uma inclusão igualitária. A perspetiva tipológica com que a maioria dos pensadores encarava os exemplos de cidades, praças, edifícios públicos e finalmente palácios, remetia para estes últimos o habitar no sentido restrito, mas, ao mesmo tempo, há que admitir o carácter público destas "habitações" cujos proprietários, pertencendo à nobreza ou alta burguesia, levavam uma vida exposta aos olhos de muitos, isto é, pouco ou nada havia de privado no seu quotidiano e tal refletia-se na organização espacial dos seus palácios. Poder-se-á assim dizer que o extenso conceito de habitar, que encontramos em Heidegger, representa uma consciencialização mais recente, mesmo que o filósofo, como é habitual nos seus escritos, se vá alicerçar em reflexões filológicas. Isto é, parece ser nos tempos mais recentes que a extensão da palavra habitar se estabeleceu, provavelmente acompanhando a ideia da igualdade dos seres humanos (pelo menos no seio de um mesmo povo) da qual o conceito de Nação, firmado no século passado, é uma das expressões. A Nação é a coincidência entre um povo e um país (espaço geográfico delimitado por fronteiras políticas mais ou menos claras em termos físicos). Parece assim poder-se concluir haver relações entre perspetivas políticas e sociais e perspetivas arquitetónicas em torno do conceito de habitar que poderíamos ilustrar, por exemplo, com o Reino Unido ao longo do séc. XIX, no qual a evolução social para um aumento das classes médias, por um lado, e as preocupações altruístas relativamente aos mais desfavorecidos, bem como a crescente consciência dos defeitos da organização social e urbana, por outro, desenvolveu um forte interesse pelo alojamento, sobretudo pela habitação unifamiliar como morada preferencial. Hermann Muthesius escreveu em "Das English Haus" (1904-1905) que o inglês habitava em isolamento rural na paisagem natural, descrevendo assim um sentido do habitar praticado na Inglaterra dos finais do século passado, que envolvia a casa isolada como a resposta arquitetónica ideal, mas não esquecendo a sua posição relativamente ao centro urbano que, finalmente, fazia parte de um sistema territorial

bem mais vasto.

Campo Baeza referiu que "o homem como ser racional, culto e criador, concebeu a casa como morada para habitar."¹³

Corbusier referia que "a casa colocava novamente o problema da arquitetura ao aceder a meios de realização totalmente novos, ao colocar um projeto completamente novo, adaptado a um novo modelo de vida e ao conferir à estética um estado de espírito novo."¹⁴

Referenciando todos os conceptualismos poderemos afirmar que a casa é tanto um lugar físico como um conjunto de sentimentos. O lar é uma relação entre materialidade e reinos e processos imaginativos, em que a localização física e da materialidade e os sentimentos e ideias estão unidos e se influenciam mutuamente, em vez de estarem separados e distintos. A casa é um processo de criação e compreensão de formas de habitação e de pertença. A casa é vivida, compartilhada, usufruída e imaginada. O que significa que a casa, como habitação, manifesta-se materialmente e transforma-se em algo que é criado e recriado de forma contínua através das práticas domésticas de todos os dias.

Como constatamos e no sentido lato e ao longo da história, a palavra casa é usada e manuseada para todo o tipo de designações que foram criadas ao longo do tempo, tais como cabana, domus, palácio, villa, etc...

Tudo deriva do conceito de casa, a própria cidade é a casa, mas numa escala maior, tal como já foi referido. A casa é a forma de arquitetura mais simples, mais natural e próxima do ser humano e é ela que proporciona um lugar ao homem, um lugar sobre a terra. Sendo assim a habitação constitui o elemento básico e primário de habitar, o núcleo da célula arquitetónica reduzido à sua unidade construtiva mínima.

Mas a combinação das formas de construir constitui uma matriz ilimitada à conceção e abordagem do tema pela arquitetura. Segundo Michele Cannatà - "A casa como lugar do habitar constituiu desde sempre, para os arquitetos, o espaço privilegiado da investigação e da experimentação. Uma investigação que abrange o mundo da economia e da cultura tecnológica, quer no âmbito dos processos de produção, quer na inevitável dinâmica da evolução da sociedade. [...] A família nunca foi tão mutável como na contemporaneidade e tem exigências de conforto e de funcionamento que, apesar da técnica e da ciência aparentemente poderem satisfazer, continuam ausentes da grande maioria das casas que hoje realizamos em Portugal."¹⁵

¹³ BAEZA, Campo, (2013), *A Ideia Construída*, pág. 60

¹⁴ LE CORBUSIER, (1992), *Urbanismo*, pág. 8

¹⁵ CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima (2002)

Por isso o conceito e ato de habitar lidam com as dimensões tempo, espaço e técnica, que os transformam numa casa. O habitante acomoda-se ao espaço e o espaço, por outro lado, adapta-se à mente deste. Existe uma relação implícita entre espaço e indivíduo. Assim, concisamente, o que interessa nesta reflexão é sublinhar essa capacidade de simbiose entre casa e habitante que se traduz por uma relação tanto física como emocional entre ambos de modo a que a casa [possa] ser, mais do que tudo, o lugar de cada um e que cada um que a habita a sinta como tal, no sentido em que “uma casa está sempre ligada a alguém que a representa, ou que se deixa representar por ela.”¹⁶

¹⁶ MALLARD, Maria Lúcia, (2005), *Cinco Textos sobre Arquitetura – Belo Horizonte*, pág. 117

3- Uma casa para habitação

3.1. O lugar

Muito se escreve sobre os conceitos do espaço e do lugar. O que é o “espaço”? O que é o “lugar”? São perguntas frequentes de pesquisadores das mais diversas áreas e abordagens teóricas em diferentes períodos históricos.

Existe diferença entre o espaço e o lugar? Se não existe diferença, todo espaço pode ser considerado um lugar? Mas se ela existe entre os dois conceitos, em que diferem? Neste contexto, há diferentes tipos de lugares? Estas questões definirão o conceito de lugar e a determinação da sua estrutura.

Quando nos questionamos sobre o que é a arquitetura, acabamos sempre, por equacionar a questão do espaço e do lugar. Bruno Zévi afirma que “as quatro fachadas de um edifício constituem apenas a caixa dentro da qual está encerrada a joia arquitetônica, isto é, o espaço.”¹⁷ O autor coloca como protagonista da arquitetura o espaço... o vazio. Consequentemente Zévi considera o espaço e o vazio como sinónimos. Para ele, a arquitetura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerram o espaço, mas precisamente deste vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem. O termo espaço (do latim *spāitium*), significa a “distância entre dois pontos, ou a área ou o volume entre limites determinados”. Comparando com a do lugar (do latim *locālis*, de *locus*), este é o “espaço ocupado, localidade, cargo, posição”. Segundo as definições e as origens das duas palavras, entende-se como relação entre os dois conceitos que o lugar é o espaço ocupado, ou seja, habitado, uma vez que uma de suas definições sugere sentido de povoação, região e país. O termo habitado, de habitar, neste contexto, acrescenta à ideia de espaço um novo elemento, o homem. O espaço ganha significado e valor em razão da simples presença do homem, seja para acomodá-lo fisicamente, como o seu lar, seja para servir como palco para as suas atividades. Muitas vezes um espaço indiferenciado, transforma-se num lugar, à medida que o conhecemos melhor e lhe atribuímos valor e, quando o espaço nos é completamente familiar e se transforma no local onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação, transforma-se em lugar. Por esse motivo o lugar é a concreta manifestação do habitar humano.

¹⁷ ZÉVI, Bruno, (1960), *Saber Ver a Arquitetura*, pág.76

Para os gregos cada lugar era regido por um deus, Genius Loci,¹⁸ ou o espírito do lugar e, conferindo um carácter ao lugar, através do Genius Loci, o homem colocava-se em posição central no universo. Este exercício não era mais do que a repetição de um ato primordial: trabalhando a terra desconhecida, realizava novamente o ato dos deuses que organizaram o Caos, dando-lhe uma estrutura, formas e normas e podendo interpretá-lo para nele poder habitar.

O lugar, com todas as suas condicionantes, transforma o objeto projetado (casa) que nele se dispõe único.

Por vezes existe uma errónea confusão entre lugar e sítio.

Perguntaram a Eduardo Souto de Moura sobre qual era o valor do sítio na sua obra e ele respondeu: O sítio é um pressuposto. Não existe o sítio. O sítio é um instrumento. É impossível fazer casas sem um lápis, e ter casas sem ter um sítio. E o sítio é aquilo que se quer que ele seja. Tentou-se vender o sítio como entidade objetiva, com frases como: A solução está no sítio. A solução está na cabeça das pessoas. Leonardo da Vinci dizia: A Arte é coisa mental. O sítio é coisa mental. Portanto, o sítio é tão importante quanto as outras coisas que intervêm no projeto. A imagem do lugar como coisa mental é interessante porque se aceitarmos a aceção agressiva da palavra sítio, que é a do assédio a ação de sitiar, veremos que os termos pressuposto e instrumento cobram um sentido evidente. Pois, o que é o assédio, senão um assalto a um ponto determinado do espaço com a finalidade de ocupá-lo, ou possuí-lo?

Os arquitetos são os grandes assediadores da história dos lugares. Eles alteram com uma atitude briguenta e impositiva (como a expressada por Souto de Moura) a caco-topia da cidade contemporânea.

¹⁸ GÉNIUS, Loci, (1993), Judith Barry, Pascal Convert, Rainer Pfnur – Editora Usine Fromage GNAC

3.2. Espaços exteriores e interiores

As noções de espaço interno e externo estão na base de todo o processo de pensar a arquitetura. A percepção visual interior/exterior, dá-nos a possibilidade de passarmos fisicamente entre os dois espaços. Como exemplos poderemos citar a "Casa de Vidro", Philip Johnson (Ilustração 5) que maximiza a transparência do espaço doméstico para o exterior (faz uma pequena concessão aos sanitários). Pelas esbeltas colunas e pérgolas em "pernas de aranha" a definirem planos virtuais, Richard Neutra (Ilustração 6), cria espaços de transição entre interior e exterior, onde luz, temperatura e ruído não são nem os de dentro nem os de fora e Mies Van der Rohe na casa Farnworth (Ilustração 7).

A existência do lugar, a sua compreensão e exploração são fundamentais. Sem estes quesitos um edifício pode destruir completamente um lugar e, por isso, é muito importante a relação entre edifício e o espaço que ocupa e a sua relação interior/exterior, procurando uma harmonia simbiótica.

Uma das melhores maneiras de transmitir a sensação de bem-estar e de aconchego num projeto de arquitetura é a interligação entre os ambientes interiores e exteriores. Isso porque valoriza tanto a parte de dentro do edifício, como a parte de fora do mesmo, o que nos transporta a uma sensação de amplitude nas vivências.

Na conceção de um projeto, dever-se-á procurar sempre a ligação da natureza ao objeto que está a ser projetado. É extremamente importante realizar esse tipo de integração, pois como normalmente a vida do homem se passa em ambientes fechados quer em casa, ou no trabalho, nada melhor que procurar a plena harmonia com a vegetação, o céu e a iluminação natural.

"A arquitetura não termina em ponto algum, vai do objeto ao espaço e, por consequência, à relação entre os espaços, até ao encontro com a natureza."¹⁹

¹⁹ VIEIRA, Siza, (1998), *Imaginar a Evidência* – Edições 70 Lda., pág. 31

4. Objetivação de estudo

4.1. Uma primeira abordagem

Relativamente à conceção de uma habitação familiar, já constituíram objeto de análise neste trabalho de projeto, a casa e o conceito de habitar, o lugar, os espaços interiores e exteriores e a relação intrínseca com a natureza.

Propõe-se agora um estudo relacionado com três exemplos que irão servir como apoio básico complementar da proposta de projeto apresentada e, que abordam, dentro de uma especificidade própria, as preocupações inerentes à estruturação do projeto, à sua relação com a natureza, com o lugar, com a paisagem envolvente, com o “Skyline”, com a sua distribuição espacial interna, sensibilidade para utilizar diferenciados materiais, preocupação com o conforto, com o ambiente e funcionalidade. E, não menos importante o seu equilíbrio estético e ainda, dois aspetos por vezes omitidos: o regional e o cultural.

Diferentes nos programas relacionais com o requerente, na escala do projeto, na linguagem arquitetónica (ou filosofia da arquitetura já focada anteriormente), revelam, contudo, a constante preocupação da relação da habitação com a envolvente e no equilíbrio sempre tangível entre os seus espaços exteriores/interiores.

Tornaram-se objeto deste estudo a casa em Caminha, “Vill’Alcina” de Sérgio Fernandez, (Ilustração 8) pelo facto de anteriormente ao vinte e cinco de Abril, ter apostado em conceitos pertencentes tanto à arquitetura tradicional como à arquitetura moderna e pela circunstância de ter sido construída com uma grande dose de pragmatismo, numa paisagem de envolvente única e na qual conseguiu confundir a sua intervenção no terreno, adaptando-a à orografia existente.

A casa Touguinhó III, de Raulino Silva. (Ilustração 9) Pela sua relação com um lugar cuja identidade se assume relativamente às características do terreno deste trabalho de projeto, aliado a uma linguagem arquitetónica referenciada em capítulo posterior.

De mencionar que tendo sido concluída em dezembro de 2016, para habitação do próprio, a habitação tem ganho diversos prémios a saber:

Em 2018, o projeto foi distinguido nos International Architecture Awards (atribuído nos Estados Unidos) e nos Urban Design e Architecture Design Awards (Índia). Antes, em 2017, foi premiada nos Iconic Awards (Alemanha), obteve o terceiro prémio no Baku International Architecture Award (Azerbaijão) e foi distinguida como Best Project 2017 no Archilovers (Itália). Em fevereiro de 2019 foi anunciado, por fim, que venceu o prémio internacional IF Design Award 2019, na categoria de Arquitetura.

E, por último, "A Casa Gaspar" do arquiteto Campo Baeza, (Ilustração 10) cujo cliente pretendia uma independência total, um pouco relacionada com as exigências do requerente cujo estudo é posteriormente apresentado. E, a racionalização do espaço na sua componente minimalista, que também pretende ser para este trabalho de projeto uma marcante referência.

Tendo como objetivo a execução de uma habitação unifamiliar, estes estudos constituíram, dentro do âmbito da proposta e do programa apresentado pelo requerente, uma condição "sine qua non" não seria convenientemente concretizada.

4.2. A casa em Caminha

'Vill'Alcina' do arquiteto Sérgio Fernandez, (Ilustração 11) no Lugar da Portela, Caminha, foi construída entre 1971 e 1973, para fruição do próprio. Tal como já foi mencionado, o arquiteto reinventou noções relacionadas com a arquitetura tradicional portuguesa e com conceitos de arquitetura moderna.

Nesta altura, a produção arquitetónica era controlada de modo a garantir o padrão imposto pelo estado, padrão esse, que ia de encontro a uma ideia fictícia de existência de um estilo nacional.

Devido à tomada de consciência do valor potencial da arquitetura popular, um grupo de arquitetos procurou contrapor as ideias nacionalistas e internacionalistas, através de um estudo das arquiteturas das várias regiões do país. A obra "A Arquitetura Popular Portuguesa" foi editada após um levantamento efetuado entre 1950 e 1960. A ideia de um inquérito à arquitetura regional portuguesa teve como base uma ideia dos arquitetos José Huertas Lobo e Francisco Keil do Amaral publicada em 1947 na revista *Arquitetura: Revista de Arte e Construção* e editada pelo grupo ICAT. Durante os três meses em que decorreram os trabalhos do inquérito, houve seis equipas de arquitetos que percorreram em Portugal cerca de 50 000 quilómetros, de automóvel, de scooter, a cavalo e a pé, tendo feito cerca de 10 000 fotografias, centenas de desenhos e tomado milhares de notas escritas.

Este estudo teve como premissas a reintrodução de da tradição popular numa nova arquitetura de linhas simples e de carácter racional.

Este documento constituiu um precioso legado da arquitetura popular portuguesa original e anterior aos fenómenos da habitação de férias, ou da casa do emigrante. Passando por este contexto, Sérgio Fernandez, com uma formação em pleno período modernista, desde sempre demonstrou interesse pelas expressões locais da arquitetura popular, e tal como já supracitado contemporâneo do inquérito

Arquitetura Popular em Portugal, Lisboa, 1961, projeto que inventaria as manifestações regionais da arquitetura popular / rural no limiar da sua genuinidade. (Ilustração 12) Regionalista, não deixa de lado o moderno, não se remetendo, no entanto, às imagens e modelos mais paradigmáticos deste movimento. Com uma abordagem que toma em consideração a continuidade morfotipológica, é sobretudo nos materiais que encontra a principal expressão da sua tendência. Precedendo e atravessando a discussão em torno da Escola do Porto, e em particular a do determinismo do lugar, a sua obra denota um grande equilíbrio entre estas duas vertentes, que revela na casa de Caminha.

Esta habitação, intencionalmente afastada de grandes núcleos urbanos, procura ainda uma abertura principalmente voltada para a paisagem, escondendo-se também da rua. Não prescindindo de grandes vãos envidraçados oferece ao utilizador a privacidade que procura para exprimir a sua individualidade, e concretizar uma "síntese de desejos acumulados (...) um abrigo de muitas aspirações de vida em comum, finalmente em liberdade e, por isso, aberta para o mundo."²⁰

"Viagem e visita são circunstância útil e encontro prático para captação do edifício como atmosfera, como tónica de espaços, como tipo ou modelo de casa - presença e gesto são condição para o exercício contínuo da memória e do projeto. (Ilustração 13) Percorrer o espaço é estadia e deslocação, observação e registo, sentir e pensar, ações pelas quais o sujeito percorrente, na realidade construtiva que é a obra arquitetónica, descortina as unidades de medida do espaço pelas quais se reconhece na arquitetura a expressão e o afeto de uma atmosfera de casa."²¹

²⁰ COSTA, Alexandre Alves, (2008), *Só nós e Santa Tecla*, Dafne Editora, pág.

23

²¹ MENDES, Manuel, (2008), *Só nós e Santa Tecla*, Dafne Editora, pág, 105

4.3. Casa em Touguinhó III

Situada numa freguesia de Vila do Conde, Touguinhó, pequena localidade do concelho de Vila do Conde com pouco mais de mil habitantes, esta habitação projetada para o próprio arquiteto e família, destaca-se na envolvente pela sua leveza e equilíbrio arquitetónicos, em relação intrínseca com o lugar, mas demarcando-se “altivamente” dos edifícios que a rodeiam (Ilustração 14).

No terreno que estava a ser utilizado como campo de cultivo e horta, encontramos os muros de granito típicos da região, um poço em pedra e algumas árvores de fruto. Os muros foram limpos e recuperados, e a vegetação característica da região foi mantida, de forma a preservar a identidade do sítio.

A forte inclinação da topografia em cerca de 5 metros nos extremos da rua e zona posterior do terreno definiu o desenho da casa em dois pisos, contudo procurou-se que ambos os pisos tivessem ligação direta com o espaço do jardim (Ilustração 15). No piso inferior, que ocupa metade da implantação, temos uma zona coberta, mas aberta para o exterior que permite o estacionamento automóvel, que pode ser utilizado para as festas ao ar-livre dos mais pequenos. Deste espaço temos acesso à lavandaria com pátio para colocar a roupa a secar, ao sanitário, espaço de arrumos, zona técnica e ao átrio que permite pelas escadas chegar ao piso superior. No piso superior temos 3 quartos na área voltada para a rua Vila Amor (Sul) (Ilustração 16), sendo um deles uma suite com quarto de vestir, os outros dois com um quarto de banho partilhado. Ambos os quartos de banho têm pátios sem cobertura que permite a entrada de luz natural, fácil ventilação e privacidade no seu uso. Na zona posterior já orientada para poente, temos o escritório, a cozinha com ilha e a sala comum, que se prolongam para o exterior através do deck protegido por uma pala e com ligação à piscina. Na zona Nascente temos as escadas (Ilustração 17), o corredor com armários e um pequeno sanitário também com pátio junto à sala. Sobre os materiais de acabamento, no piso inferior as placas de mármore branco polido revestem os muros, as fachadas exteriores e os pavimentos da lavandaria e sanitário. O pavimento exterior de acesso automóvel em betão (concreto) aparente negro e afagado define o acesso à casa e a brita em pedra de ardósia acolhe a vegetação rasteira do jardim. No piso superior, pelo exterior o sistema etics reveste as fachadas e os tetos, pelo interior o soalho de pinho maciço percorre a casa toda e brilha nos lacados da carpintaria.

4.4. Casa Gaspar

Esta casa foi construída no ano de 1992 em Zahora, Espanha.

Segundo Campo Baeza, o cliente manifestou o desejo de possuir uma habitação com uma total independência. Decidiu-se então criar um recinto fechado, um "hortus conclusus" (Ilustração 18).

Começa a partir de um quadrado de 18 x 18 m definido por quatro paredes de 3,5 m de altura, que é dividido em três partes iguais. Apenas a parte central é coberta. Dividido transversalmente em três partes de proporções A, 2A, A por duas paredes baixas de 2 m de altura, as peças de servir são incluídas nas laterais. A cobertura do espaço central é elevada, 4,5 m. Nos pontos de intersecção das paredes baixas com as paredes altas, são abertas quatro aberturas de 2 x 2 m que são diretamente envidraçadas. Através desses quatro vãos, o plano horizontal do piso de pedra expande-se, alcançando assim uma efetiva continuidade entre o interior e o exterior. A cor branca em todos os parâmetros contribuiu para a clareza e continuidade desta arquitetura. A dupla simetria da composição é evidenciada pela colocação, também simétrica, dos quatro limoeiros, que enfatizam a solução e que propiciam reflexões introspectivas.

As formas geométricas que Campo Baeza utiliza nesta obra eliminam o supérfluo, fazendo todo o possível para comunicar o que permanece, por meio da essencialidade: uma arquitetura essencial construída apenas com o indispensável número de elementos. Uma arquitetura precisa e exata. Uma arquitetura lógica e simples. Mais do que uma questão de forma, e sem qualquer determinação minimalista, sugere a simplificação como expressão da essência da sua arquitetura. "A Arquitetura tem a misteriosa capacidade de materializar ideias". O Arquiteto defende a ideia como processo que dá origem à Arquitetura, afirmando que "a arquitetura sem ideia é uma arquitetura vazia."²²

Nesta casa, Baeza parece subordinar mais a composição ao volume determinado pelos limites do lote e os pátios configuram-se mais como algo escavado neste volume. É na casa Gaspar que o conceito tradicional de pátio mais se explicita, mesmo que o pátio não assuma posição central. O projeto obedece a uma rigorosa grelha e adivinha-se a intenção de ampliar visualmente o setor social para os dois pátios laterais (Ilustração 19).

²² BAEZA, Campo, (2019), *Estudo de Arquitectura* – Caleidoscópio - Edição e artes gráficas S.A., pág. 61

No entanto, o desejo de privacidade desenvolve-se nesta casa de uma forma gradual que se inicia através de uma introversão propositada com o meio que a rodeia: quando se entra na casa e à medida que o corpo percorre o espaço, vão-se desenvolvendo como por camadas, pequenas transições entre espaços (exteriores e interiores) que fazem aumentar o sentido de privacidade na habitação. Esta percepção é feita de forma subtil, caracterizada pela localização, dimensões e relações visuais que se geram entre as várias divisões da casa. O espaço exterior correspondente aos pátios é ainda fragmentado, permitindo uma utilização que contempla dois graus de independência distintos: uma mais social, que corresponde ao uso comum – a sala; e outra mais individual e íntima que permite uma ligação directa com as zonas privadas – cozinha e quartos. Os graus de privacidade definem também a circulação, e o modo como esta se organiza (Ilustração 20) mediante dois sistemas: O principal corresponde aos eixos de simetria da casa, onde o espaço da sala marca num sentido uma relação directa com a porta de entrada, e no sentido perpendicular uma relação interior com as zonas privadas. A circulação secundária é feita das zonas privadas (cozinha e quartos) para os pátios de carácter mais individual, e entre estes e os pátios de maior dimensão. A Luz desta casa é horizontal e contínua, refletida nas paredes dos pátios voltados para Leste-Oeste. Em suma, é um espaço horizontal contínuo, estendido pela luz horizontal.

5. Projeto de uma casa unifamiliar

5.1. O campus

O lote da intervenção fica localizada no centro da vila de Joane, cidade de Vila Nova de Famalicão que possui 7,25 km² de área e 8 089 habitantes. De configuração quadrangular faz gaveto com a Rua de Cornide e um outro arruamento interrompido, situa-se em Joane, Vila Nova de Famalicão e tem uma superfície correspondente a 695,0 m². Como se pode verificar através da planta topográfica e fotografias aéreas, trata-se de uma malha urbana em consolidação, onde imperam construções descaracterizadas e atípicas relativamente a condicionantes da envolvente e orografia do terreno, onde ainda se vislumbram bouças e pequenas parcelas de terrenos agrícolas e, em algumas habitações unifamiliares implantadas nos terrenos dos proprietários, são visíveis alguns logradouros em parcelas cultivadas de pequenos minifúndios. No “campus” atrás referenciado, salientava-se, no entanto, neste contexto, a preocupação de uma solução arquitetónica existente no local, que se integra e destaca na generalidade, pela qualidade do equilíbrio formal e escolha dos materiais de revestimento que procuram uma relação intrínseca com a parcela de terreno onde se encontra implantada.

Das atividades económicas desenvolvidas, a indústria é a dominante seguindo-se o setor dos serviços que se tem afirmado na vila.

Joane assume-se atualmente como um polo de desenvolvimento em plena expansão, afirmando-se como um dos centros mais desenvolvidos do concelho de Vila Nova de Famalicão. A densidade de construção tem vindo a desenvolver-se existindo variados edifício plurifamiliares, sendo que esta zona ainda é caracterizada por núcleos rurais, edifícios dispersos de dois pisos com muros altos e ainda algumas propriedades agrícolas também delimitadas por muros em granito de maior altura que contribuem para definir o padrão formal da paisagem.

Uma outra tipologia habitacional, mais recente, é a das moradias unifamiliares isoladas, localizadas sobretudo nas zonas de menor densidade ocupacional e convenientemente servidas por arruamentos. Ainda existem resquícios de agricultura associada à pecuária que tendo alguma presença, tem vindo a perder expressão.

Como património cultural destaca-se a Casa de Vila Boa em que muitos dos elementos que a caracterizam podem ser atribuídos ao século XVIII, sendo possível que, neste período, tenha ocorrido a ampliação da sua fachada principal. A estrutura do edifício é, contudo, anterior.

E, neste contexto, iria ser iniciado o estudo de uma moradia unifamiliar...

5.2. Elaboração de um programa entre cliente e arquiteto

Contactados por um cliente que se dirigiu ao nosso gabinete já considerado experiente no campo do projeto, fomos confrontados com o seu programa de necessidades, que revelavam a construção de uma habitação unifamiliar num terreno contíguo ao do sogro, cuja animosidade foi logo à partida esclarecida e comentada, tendo logo constituído uma característica predefinida de uma potencial solução.

- E aqui surge o incentivo!...

Não obstante, a dicotomia do meu "*modus operandi*", os novos estímulos ligados à arquitetura conferiram aquela componente estética, que se mantêm até aos nossos dias na conhecida diferença entre as figuras do arquiteto e do engenheiro, ou seja, o "esteta" e o "cientista". Se, no início, os materiais eram reduzidos e rudimentares, com a multiplicação das matérias primas e respetiva sofisticação, as construções foram ganhando uma dimensão mais artística, com uma infinidade de possibilidades criativas, quer através da personalidade do arquiteto, quer através do simbolismo e das opções inerentes às especificidades das obras e às exigências dos seus donos.

O arquiteto, tal como o terapeuta, é um profissional que lida com os sonhos, os desejos e as emoções das pessoas. No caso do cliente do arquiteto, tudo pode ser fruto, por exemplo, de uma mistura de desejo ou do reflexo de um determinado estilo de vida, do sonho de um refúgio que proporcione aconchego, de lembranças de ambientes ou de fantasias de infância, da adolescência, ou quaisquer outras que possam povoar a nossa mente.

Desse contacto cliente/arquiteto nasce uma relação que se pode transformar numa grande amizade ou numa estrondosa frustração. Depende muito da comunicação, da confiança e, principalmente, da empatia que existir entre ambos. O arquiteto é o intérprete dos desejos do cliente. É quem deverá, à sua maneira, responder aos sonhos e dar forma àquela imagem, às vezes nebulosa e confusa, do que será a obra final.

A construção da casa de uma família não é uma tarefa fácil para ambos, família e arquiteto. É um processo no qual vêm à tona muitos daqueles sonhos, desejos e fantasias que, muitas vezes, são conflituosos entre os próprios membros da família, acabando por criar sérias discórdias. É um processo às vezes sofrido e a relação, delicada, especialmente se for a primeira experiência do cliente com a construção e com um arquiteto e/ou vice-versa. O arquiteto tem que entender a relação e saber gerenciar esse processo sob pena de fracasso na empreitada.

A residência (e a Habitação, de uma forma geral) é um dos principais programas a serem estudados pela arquitetura e pelos arquitetos de uma forma geral. Também foi, ao longo da história, um dos programas mais utilizados como forma de expressar as

novas ideias e as mudanças nas correntes de pensamento arquitetónico.

A constituição da forma, dos usos e da função de uma casa é sempre resultado de um processo sociocultural: havendo de um lado a participação do arquiteto e, do outro lado a omnipresença dos hábitos sociais já consolidados e dos preconceitos relacionados ao modo de viver, à legislação do lugar e porque não às limitações económicas. Nos dias de hoje, a definição do programa habitacional está relacionada com as práticas sociais de cada grupo ou família. Por este motivo, a ideia de morar na tradição oriental pode ser diferente da ocidental, resultando em casas com formas e distribuições de funções diferentes. "Os arquitetos não inventam nada, só transformam a realidade."²³

No mundo ocidental convencionou-se estabelecer três domínios diferentes numa mesma habitação: o da esfera social, o da esfera íntima e o da esfera dos serviços, o que foi inconscientemente sugerido pelo requerente. O conjunto destes três domínios constituiria para ele e família a prática do habitar.

Para quem vai projetar, reporta-se a outros conceitos que questionam a anterior, pois a arquitetura moderna (assim como determinados movimentos da arquitetura pós-moderna) equacionaram de uma maneira muito vigorosa as ideias tradicionais do morar: eventualmente nas casas modernas verificava-se não a supressão destes domínios, mas da sobreposição de alguns de seus usos. O caso mais exemplar (e também aquele que mais foi apropriado por construções menos arrojadas) deste fenómeno, é nas residências em que cozinha e sala de estar se transformam num único ambiente vivencial.

Ponderadas as várias situações do papel do arquiteto perante uma encomenda de um projeto, há que equacionar o terreno, a sua envolvente e condicionantes. Voltando à nossa proposta de trabalho e a esta encomenda em particular, acreditámos que a construção deveria balizar-se pelos alinhamentos das construções confinantes, atendendo à movimentação e modelação do terreno que requeriam uma construção integrada de maneira dócil e sem "abastardamentos" notórios. A relação entre a natureza e a construção é decisiva na arquitetura. "Essa relação, recurso permanente de qualquer projeto, é para mim uma espécie e obsessão; sempre foi determinante no curso da história e, apesar disso, tende hoje a uma extinção progressiva."²⁴

²³ VIEIRA, Siza, (2016), *Frases: Álvaro Siza e o equilíbrio - Victor Delaqua* - ArchDaily Brasil

²⁴ MOURA, Eduardo Souto, (2011), *Diario El Pais*, Entrevista <http://www.plataformaarquitectura.cl/2011/07/27entrevista-eduardo-souto-de-moura-en-eldiario-el-pais>

5.3. Programa geral

Os primeiros esboços foram realizados para apresentação ao requerente, existindo já como ideia primordial a elaboração posterior de um projeto contemporâneo, bem diferenciado da envolvente, sendo que a casa em “L” se voltava para noroeste. Pudemos constatar que esta solução contrariava as intenções manifestas de superioridade dominante económica e presencial do cliente que efetivamente pretendia voltar as costas ao terreno e construção adjacentes.

A divisão espacial interna, também e especialmente, foi objeto de discussão apurada. Ponderadas as questões apresentadas na sua organização geral, formal, estética e volumétrica, agendamos nova reunião para apresentação de uma proposta mais consentânea com a vontade manifestada pelo cliente.

A implantação foi redefinida tendo, as dissidências familiares, como já tinha sido referenciado, determinado a conceção da solução arquitetónica. Com esta filosofia de intervenção, o plano de fachada a norte despojado e quase cego, pretende transmitir essa noção de afastamento social relativamente ao lote adjacente. A cêrcea e a volumetria promovem um inexistente diálogo entre aquela construção, quer pela dissonância do carácter marcadamente diferente, quer pela opção do método construtivo, ou pela métrica do revestimento e tratamento dado aos vãos e a todas as fachadas. Para coroamento: - a cobertura acessível pretende revelar a autonomia e supremacia do seu utilizador.

A proposta foi aceite sem reticências...

No entanto esteve sempre presente nesta solução um jogo volumétrico que conduziu a um dinamismo formal com detalhes de um certo minimalismo conceitualista.

O projeto, que se pode considerar discreto no local, revela qualidade de detalhes presentes na construção tradicional e no uso de materiais nobres como o granito ou a madeira. Não se vê qualquer tipo de causalidade de prejuízo público e urbano para a obra que se propõe, permitindo uma plena integração paisagística.

A luz tensionada é uma constante indelével, percecionável através dos rasgamentos sequenciais nos alçados, à exceção daquele anteriormente enunciado e de “razão” objetivada.

Aproveitando a morfologia e as suas diferenças de cotas, desenvolveu-se o edifício em dois pisos, sendo o térreo, parcialmente enterrado e destinado a garagem e arrumos e no primeiro os espaços sociais da casa com a zona de cozinha e tratamento de roupas, a sala comum como amplo espaço e que estabelece uma estreita relação com o exterior, um escritório e dois quartos um deles equipado com “closet” e instalação sanitária própria. Como coroamento existe um terraço visitável. Todas as divisões

esaciais internas são iluminadas naturalmente por vãos devidamente estudados para o efeito.

Os acessos foram salvaguardados por um pequeno pátio de chegada à moradia, zona de estacionamento automóvel (garagem) e acesso pedonal à habitação tanto a norte pelo exterior, como através do interior (piso 0), existindo o acesso principal a Sul por um arruamento lateral.

Ao nível dos acabamentos houve a preocupação de definir um conceito em que os materiais como a madeira, a pedra, o betão, o aço Corten e o próprio alumínio, fossem facilmente aplicáveis em soluções modulares que integrassem com harmonia a métrica estrutural estabelecida no projeto, conferindo-lhe um aspeto ordenado e de fácil interpretação arquitetónica. Esta particularidade é importante na medida em que do exterior se pode imaginar com alguma fidelidade a sua funcionalidade, reforçando o carácter que uma obra de arquitetura deve exercer em relação à paisagem semiurbana em que se insere.

De referir o equilíbrio entre a massa construtiva e as zonas verdes que regularam de uma forma positiva a solução apresentada.

Existiu sempre nesta solução arquitetónica uma preocupação ambiental que aliada à domótica, ao recurso a materiais recicláveis, aproveitamento de formas alternativas de energia e/ou projetos de poupança de energia, controlo remoto, etc., conseguiu impregnar o espírito do cliente na aceitação tácita de uma arquitetura amiga do ambiente e, por consequência uma arquitetura ecológica, ou ecoarquitetura.

O tratamento da envolvente térmica do edifício, para reduzir as necessidades de energia e melhorar o conforto e a instalação de equipamentos eficientes na utilização de energia e água foram também uma preocupação.

Por esse motivo foram valorizados os recursos energéticos endógenos (energia solar térmica e fotovoltaica), a Integração de sistemas de climatização e águas quentes para maximizar o aproveitamento de energia térmica e o desenvolvimento de sistemas inteligentes de gestão da energia e da água, assim como o tratamento e reutilização de águas pluviais para rega das zonas verdes.

No entanto, para Eduardo Souto de Moura: "Arquitetura é uma questão global. Não existe arquitetura ecológica, ou arquitetura inteligente, ou arquitetura sustentável – existe apenas boa arquitetura. Sempre há problemas que não podemos negligenciar; por exemplo, energia, recursos, custos, aspetos sociais – deve-se sempre prestar atenção a todos eles.

Relativamente à consequente formalização técnica e material do edifício: - a estrutura resistente dos pavimentos, escadas e cobertura serão em betão armado, aligeirado onde convier, com lajes do tipo semi-pré-fabricado. As paredes de enchimento serão em tijolo de 0.15 e 0.11 de espessura, com revestimento a capoto e as da garagem em betão convenientemente impermeabilizadas.

Serão edificados em blocos de cimento de 11cm de espessura.

Os muros confinantes com os arruamentos serão executados em betão cofrado.

Nas fachadas será utilizado como revestimento térmico o capoto. Alguns paramentos serão revestidos a granito "Mondim de Basto" de 4cm de espessura convenientemente aparelhado, sendo os restantes pintados a tinta plástica branco marfim.

A porta exterior de entrada será realizada em aço Corten.

As caixilharias serão executadas em alumínio lacado cinzento com corte térmico - classe de permeabilidade 2.

A porta de acesso à habitação será executada em madeira de Kambala escura maciça.

As portadas e portas interiores apresentar-se-ão lisas e em madeira de Afizélia.

O lanço de escadas correspondente ao acesso à garagem e degraus exteriores, serão executados em betão capeada a granito Mondim de Basto. O acesso ao terraço será realizado em aço inox escovado.

Na constituição dos pavimentos atender-se-á, não só às exigências de segurança, mas também às de salubridade e conforto, no tocante à propagação de ruídos e vibrações. Os pavimentos correspondentes aos acessos exteriores serão executados em cubo de granito amarelo de 11cm e 7cm.

O pavimento da garagem será revestido a material cerâmico de 60X60cm.

Os pavimentos das casas de banho serão impermeabilizados e revestidos a mármore; idêntico material de revestimento será utilizado em algumas daquelas paredes, até à altura da padieira das portas. Poder-se-á optar pela utilização de mármore Estremoz ou "Crema Marfil" de 60x40cm com 0.02cm de espessura. Na cozinha e lavandaria será utilizado material idêntico.

Os quartos, sala comum e espaços envolventes disporão de revestimentos em soalho tradicional de madeira maciça de "Afizélia".

A cobertura será plana, impermeabilizada com duas camadas de tela de polímeros e isolada termicamente com "Roofmate" de 0.08m, sendo o seu revestimento executado com gravilha, à exceção do terraço visitável que possuirá material cerâmico a revesti-lo.

6. Considerações finais

A proposta apresentada, para além de refletir uma relação entre um programa apresentado pelo requerente e algumas sugestões tendenciosamente sugeridas por quem a projetou, refletem, contudo, um estudo aprofundado do local, da sua envolvente e das relações com as características próprias do terreno em termos morfológicos e paisagísticos.

A análise efetuada às três casas que foram objeto de estudo, foram estruturantes para a realização deste trabalho de projeto.

A casa Vill'Alcina de Caminha, de Sérgio Fernandez, influenciou esta habitação, que se encontra afastada de núcleos urbanos e que procurou uma abertura voltada para a paisagem, tentando esconder-se do movimento da rua.

A casa Touguinhó III, que apresenta as preocupações sentidas com a linguagem arquitetónica, no seu aspeto formal e orografia do terreno, cuja distribuição espacial interna e materiais utilizados, mereceu um estudo atento e circunstancial.

E, por último, à Casa Gaspar, pela similitude de objetivos manifestados pelo cliente, que se retratam também no desígnio principal do requerente deste estudo.

Para finalizar, a arquitetura não serve apenas para oferecer abrigo, condições para trabalhar ou desfrutar dos tempos de descanso. Ela é muito mais importante do que isso, pois ultrapassa a esfera puramente material e cria novos valores sociais, quando expressa, de forma concreta e específica, o senso de comunidade e propriedade do lugar, dentro de seu contexto específico.

Sintetizando: - a arquitetura existe para melhorar as nossas vidas.

7. Bibliografia

Livros:

- BAEZA, Campo, (2013), *A ideia construída*
- BAEZA, Campo, (2019), *Estudo de Arquitectura – Caleidoscópio* - Edição e artes gráficas S.A.
- CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima (2002)
- COSTA, Alexandre Alves, (2008), *Só nós e Santa Tecla*, Dafne Editora
- GÉNIUS Loci, (1993), Judith Barry, Pascal Convert, Rainer Pfnur – Editora Usine Fromage GNAC
- HEIDEGGER, Martin, (1951), *Construir, Habitar, Pensar (Bauen, Wohnen, Denken)*
- LE CORBUSIER, (1972), *Por uma Arquitectura* – Gustavo gili S.A.
- LE CORBUSIER, (1992), *Urbanismo*
- MALLARD, Maria Lúcia, (2005), *Cinco Textos sobre Arquitectura – Belo Horizonte*
- MATEUS, Manuel Aires, (2016) - "*Conversas com arquitectos - António Jorge Tavares*" - Edições Letras Lavadas
- MENDES, Manuel, (2008), *Só nós e Santa Tecla*, Dafne Editora
- PALLASMAA, Juhani, (2011) *Os Olhos da Pele* – ARTEMED Editora S.A.
- PALLASMAA, Juhani, (2016), *Os Olhos da Pele*
- TÁVORA, Fernando, (2005), *Da Organização do Espaço*
- VIEIRA, Siza, <https://citacoesin/autores/alvaro-siza-vieira>
- VIEIRA, Siza, (1998), *Imaginar a Evidência* – Edições 70 Lda.
- VIEIRA, Siza, (2016), *Frases: Álvaro Siza e o equilíbrio* – Victor Delaqua – ArchDaily Brasil
- ZÉVI, Bruno, (1960), *Saber ver a Arquitectura*

Artigos em jornais:

- MOURA, Eduardo Souto, (2011), *Diario El Pais*, Entrevista <http://www.plataformaarquitectura.cl/2011/07/27entrevista-eduardo-souto-de-moura-en-eldiario-el-pais>
- TÁVORA, Fernando, (2015), *Jornal de Negócios*

Web grafia:

- <http://arqhabitacao.blogspot.pt/2007/07/mais-sobre-cabana-primitiva.html>
- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitetura>
- <http://www.vitruvius.com.br./arquitextos>

Anexos



Ilustração 1 – A caverna

Fonte: <https://www.thinglink.com/scene/576739452378939394>



Ilustração 2 – A cabana segundo Laugier

Fonte:
<https://www.archdaily.com.br/br/01-169735/ensaio-sobre-a-arquitetura-slash-marc-antoine-laugier>

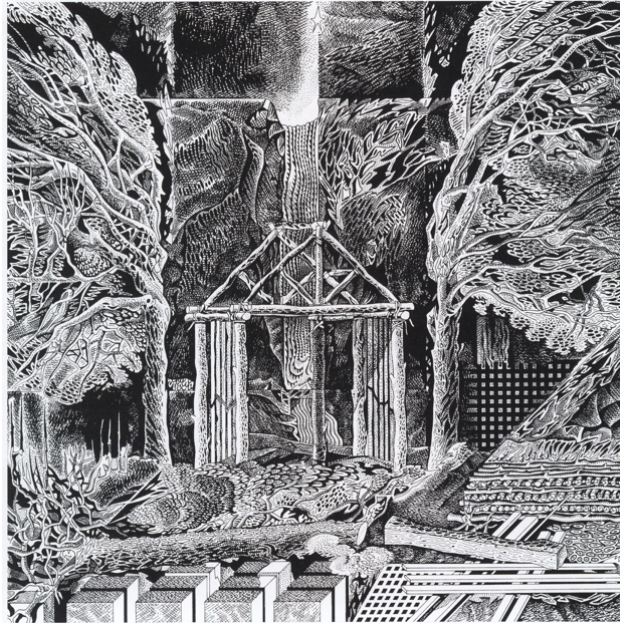


Ilustração 3 - Outra interpretação de Laugier

Fonte: <https://ourhouseisourworld.wordpress.com/2014/10/16/the-swamp-hut-as-a-re-invention-of-the-primitive-hut-model/>



Ilustração 4 - Cabana segundo Milizia

Fonte: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746Turismo>



Ilustração 5 – Glasshouse de Philip Johnson
Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Glass_House



Ilustração 6 - Casa Kaufman R. Neutra
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/806348/classicos-da-arquitetura-casa-kaufmann-richard-neutra/542ac49ec07a809a0e000298-classicos-da-arquitetura-casa-kaufmann-richard-neutra-foto>



Ilustração 7 - Casa Farnsworth de Mies van der Rohe
Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-40344/classicos-da-arquitetura-casa-farnsworth-mies-van-der-rohe>



Ilustração 8 – Sérgio Fernandez

Fonte: <http://simplyarchitecture.blogspot.com/2013/02/sergio-fernandez-casa-em-caminha.html>



Ilustração 9 – Touguinhó III House de Raulino Silva

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/806482/casa-touguinho-iii-raulino-silva>



Ilustração 10 – Campo Baeza

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/773542/casa-gaspar-alberto-campo-baeza>



Ilustração 11 - Sérgio Fernandez

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/10414642864217217/>



Ilustração 12 – Sérgio Fernandez

Fonte: <https://ofhouses.com/post/107993289270/139-sergio-fernandez-house-in-caminha>

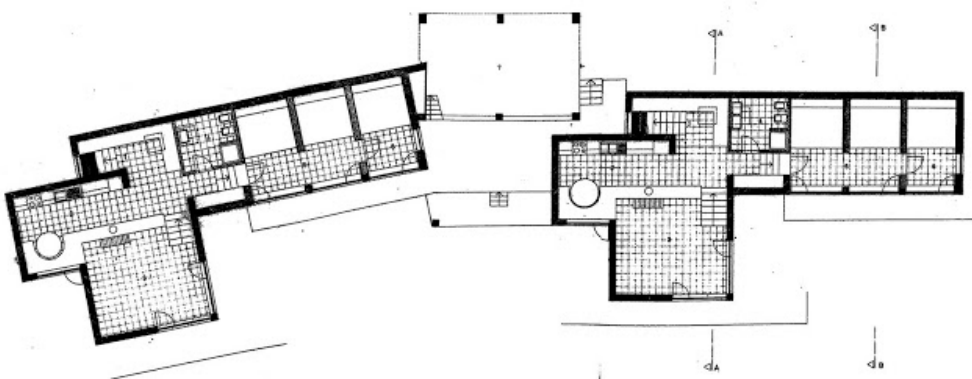


Ilustração 13 - Planta Conjunto de Sérgio Fernandez

Fonte: <http://villalcina.blogspot.com/2012/06/villalcina-fernandez-sergio.html>



Ilustração 14 – Touguinhó III House de Raulino Silva

Fonte: <http://www.myhouseidea.com/2017/08/18/touguinho-iii-house-raulino-silva-arquitecto/touguinho-iii-house-by-raulino-silva-arquitecto-22/>



Ilustração 15 – Touguinhó III House de Raulino Silva

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/806482/casa-touguinho-iii-raulino-silva>



Ilustração 16 – Touguinhó III House de Raulino Silva
 Fonte: <https://www.pinterest.de/pin/308355905723652886/>



Ilustração 17 – Touguinhó III House de Raulino Silva
 Fonte: <https://www.archdaily.com/806480/touguinho-iii-house-raulino-silva>



Ilustração 18 – Casa Gaspar Exterior de Campo Baeza

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/773542/casa-gaspar-alberto-campo-baeza>



Ilustração 19 – Casa Gaspar de Campo Baeza

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/773542/casa-gaspar-alberto-campo-baeza/55cbc247e58ece67c100038f-gaspar-house-alberto-campo-baeza-photo>

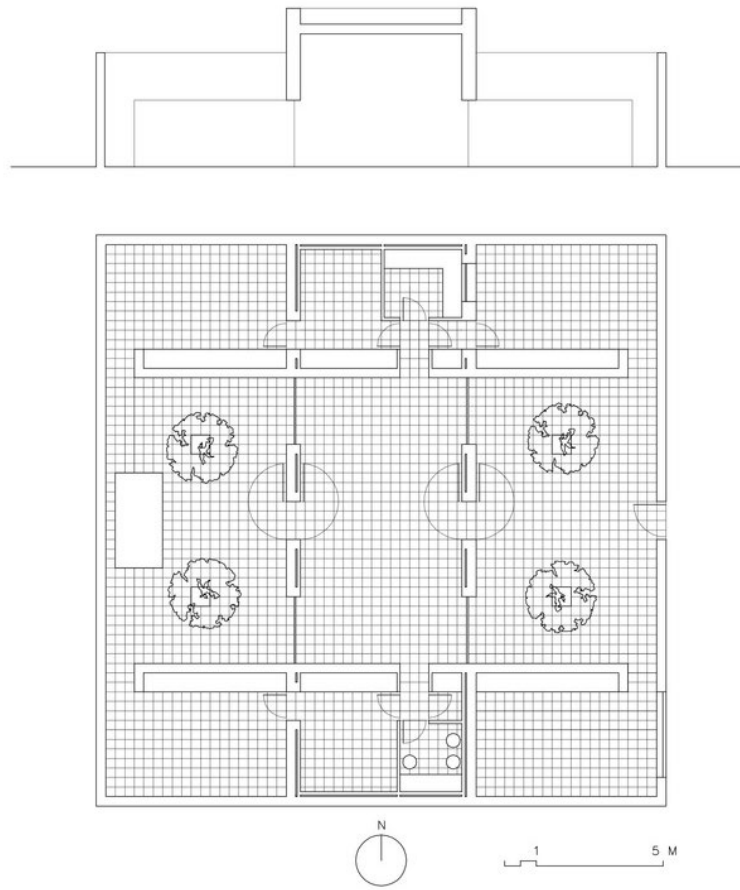


Ilustração 20 – Planta de distribuição da Casa Gaspar de Campo Baeza

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/773542/casa-gaspar-alberto-campo-baeza>



Ilustração 21 – Vista sobre a Vila de Joane

Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 22 – Foto aérea da Vila de Joane

Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 23 – Casa de Vila Boa – Joane

Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 24 – Área de intervenção – Fotos da envolvente do terreno

Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 24.1 - Área de intervenção – Fotos da envolvente do terreno

Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 24.2 - Área de intervenção – Fotos da envolvente do terreno

Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 24.3 - Área de intervenção – Fotos da envolvente do terreno

Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 24.4 - Área de intervenção – Fotos da envolvente do terreno

Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 24.5 - Área de intervenção – Fotos da envolvente do terreno

Fonte: imagem capturada do iPhone

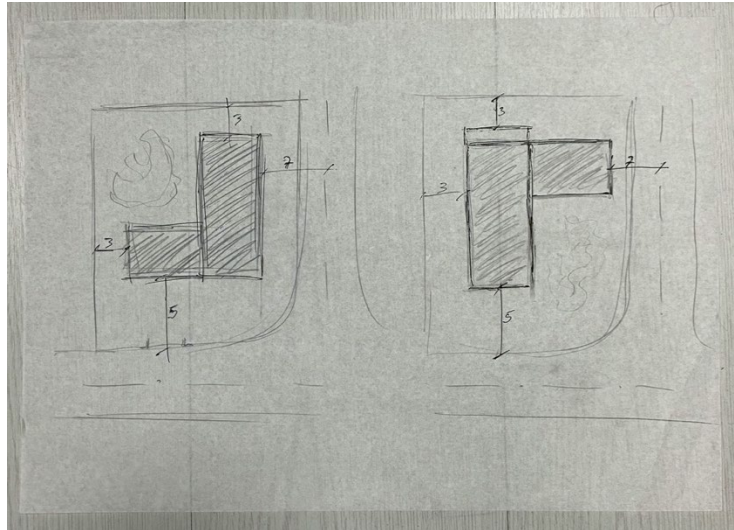


Ilustração 25 – Primeiro esquisso para uma distribuição do espaço em L
Fonte: imagem capturada do iPhone

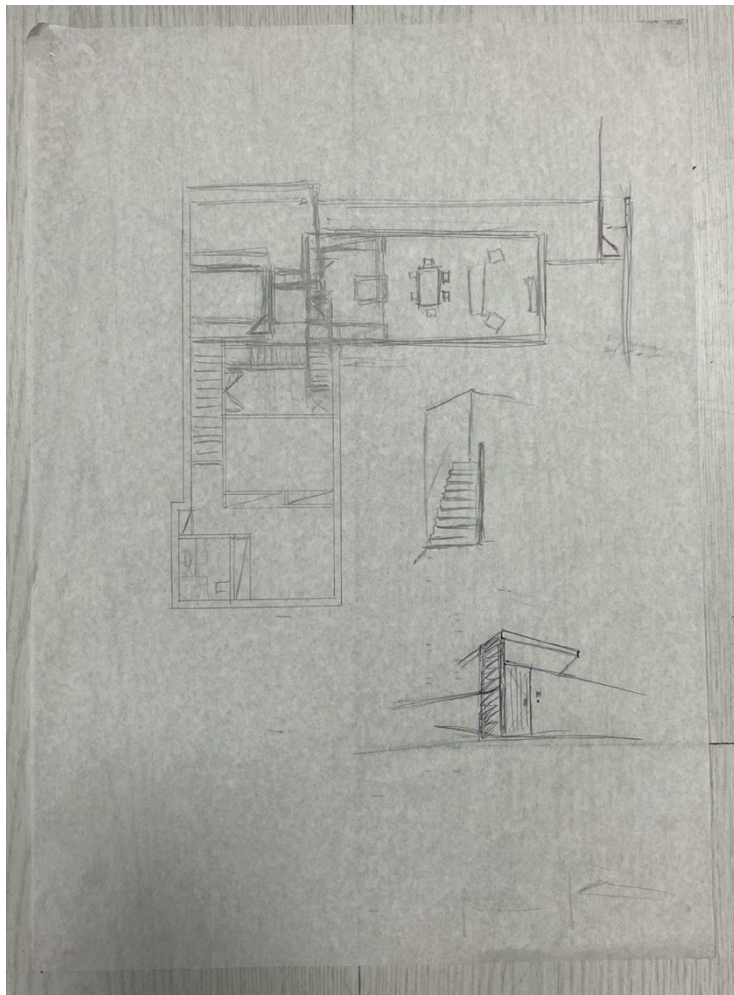


Ilustração 25.1 - Esquisso para uma distribuição do espaço em L
Fonte: imagem capturada do iPhone

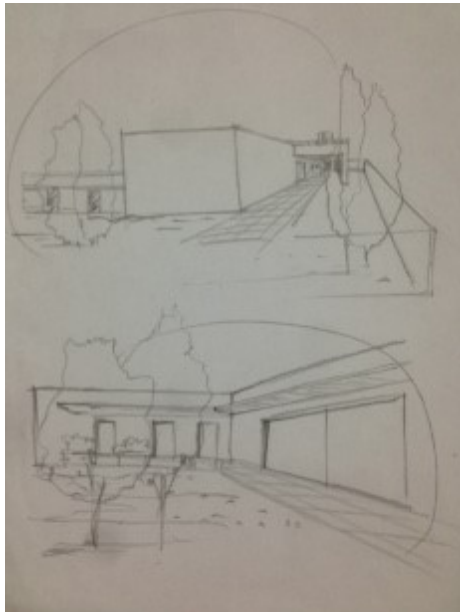


Ilustração 27 - Esquissos de volumetria do alçado sul e ponte
Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 28 – Vista do terreno – Lado sul
Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 28.1 – Vista do terreno – Lado ponte
Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 28.2 - Vista do terreno – Lado Norte
Fonte: imagem capturada do iPhone



Ilustração 28.3 - Vista do terreno – Lado Norte
Fonte: imagem capturada do iPhone